

Palavras iniciais

A chamada “História Oficial” do nosso país colocou pessoas negras e indígenas na condição de “outro”, sendo essa uma expressão completamente oposta à do ser humano pleno pregada pela cultura ocidental. Com base no que nos aponta Ramón Grosfoguel (2016) trata-se de um privilégio epistêmico dos homens ocidentais, que gera injustiça cognitiva com outros corpos políticos e geopolíticas do conhecimento³. Esse monopólio de conhecimento instaura o “racismo/sexismo epistêmico” (Grosfoguel, 2016), herança do colonialismo que legitima a produção de privilégios simbólicos e materiais para a supremacia branca que o engendrou. Nessa mesma vertente, Quijano (2005) esclarece que a colonialidade do poder⁴ relega aos grupos subalternizados os lugares de inferioridade na sociedade, seja em relação ao trabalho, à escola, à classe social, à representatividade política, enfim, na colonialidade do poder, o privilégio é eurocentrado.

Tais implicações recaem nas produções literárias nacionais, pois há uma bolha epistemológica privilegiada, o chamado cânone literário, instância responsável por selecionar as obras e, conseqüentemente, quem as escreve. Como se trata de uma seleção, nem todos estão autorizados a entrar nessa lista. Em nome de uma qualidade estética e outros aspectos formais, promove-se uma regra, uma norma do que deve ou não ser publicado e lido. Assim, a literatura torna-se, também, um dispositivo excludente.

Se pensarmos na escrita de mulheres, por exemplo, a literatura durante muito tempo foi espaço de negação da sua participação, uma vez que eram (e ainda são) vítimas da

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino. E-mail: gisele.silva@sou.ufmt.br. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1204002072432698>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3138-955X>.

² De acordo com Júlia Almeida (2011) a noção de geopolítica diz respeito bem amplamente às relações entre espaço e poder, esse viés das geopolíticas do conhecimento tem procurado explicitar as hierarquias consolidadas entre diferentes sistemas de conhecimento quando relacionamos espaço, poder e saber.

³ Exemplo disso é a escritora Maria Firmina dos Reis, a qual publicou no ano de 1859 o romance *Úrsula*, que não teve em sua capa o nome da escritora.

⁴ O tempo espiralar resulta de múltiplas imbricações: a de um movimento cósmico, simultaneamente retrospectivo e prospectivo, no qual se incluem todos os seres e todas as coisas, ou seja, tudo que existe em suas várias formas e âmbitos de existir e de ser, todos os fenômenos naturais e transcendentais, desde as relações familiares mais íntimas às práticas e expressões sociais e comunitárias mais amplas e diversificadas; as materialidades do agora, assim como as epifanias do porvir; e ainda a emanção e ressonância das forças e energias vitais que pulsam no movimento e asseguram a sobrevivência de todos os seres e do cosmos, em sua integridade e totalidade. (Martins, 2021, p. 207)

sociedade patriarcalista e sexista. Ao inserirmos nesse contexto as escritoras negras, notamos que essas sequer conseguiam publicar um livro em seu nome⁵. Essas mulheres enfrentaram e enfrentam, além do sexismo, o racismo e o classismo, opressões que estão interseccionadas, demandando delas muita luta e resistência. Diante de tantos entraves em relação à escrita feminina negra, julgamos pertinente demonstrar que, no cenário brasileiro e para além dele, elas existem, escrevem, publicam e querem ocupar os espaços privilegiados. Afinal, essas mulheres apresentam demandas diferenciadas, que, para além das questões de raça e classe, merecem ser enfatizadas e legitimadas.

Dito isso, na busca de romper com o pensamento cristalizado que até hoje se instaura nas academias brasileiras, este texto coloca em cena O romance *Maréia* (2019), da escritora negra-brasileira Miriam Alves. Na obra, a autora transpõe a ideia de um corpo negro imóvel e sem perspectiva dando espaço para as subjetividades e o agenciamento de um corpo narrativo que, de acordo com Miranda (2022) tem cor, voz e memória. Em *Maréia*, evidencia-se uma narrativa que se organiza a partir de um espaço-tempo não linear, com centrimento na ancestralidade negra africana. Nesta oportunidade, objetiva-se demonstrar que a organização temporal do romance é perpassada pela temporalidade curva presentificada na pessoa de Dorotéia, personagem que é avó de Maréia, nos momentos em que esta vivencia suas viagens oníricas. Vó Déia, assim chamada pela protagonista, é a materialidade do ser que prevalece na temporalidade, habitada de passado, presente e de um provável futuro; na qual incide toda ontologia ancestral.

A encruzilhada de saberes: corpo, memória e temporalidade em Maréia

Conhecer a história dos povos negros trazidos para as Américas é matéria seminal para se entender as narrativas que esses corpos grafam. Ao entrarmos em contato com essas narrativas, deve-se considerar que nelas estão imbricadas uma série de experiências e vivências que foram ressignificadas e deram vida a outras formas de produção, sejam elas culturais, linguísticas ou religiosas. Atravessados pelo processo da colonização, esses povos buscaram estratégias para enfrentar as opressões e os sofrimentos impostos pela matriz colonial. Na percepção de Leda Maria Martins,

⁵ De acordo com Júlia Almeida (2011) a noção de geopolítica diz respeito bem amplamente às relações entre espaço e poder, esse viés das geopolíticas do conhecimento tem procurado explicitar as hierarquias consolidadas entre diferentes sistemas de conhecimento quando relacionamos espaço, poder e saber.

Nas américas muitos dos princípios basilares da gnose negra, suas epistemes e todo um complexo acervo de conhecimentos e de valores foram reterritorializados, reimplantados, refundados, reciclados, reinventados, reinterpretados, nas inúmeras encruzilhadas históricas derivadas dessas travessias (Martins, 2021, p. 45).

Essa encruzilhada citada por Martins é a fonte para o entendimento das experiências diaspóricas, pois a partir dela plasmamos os diálogos e negociações entre tradições, culturas e identidades. Ademais, deriva dela toda a confluência de saberes e conhecimentos que foram reinventados e revestidos de novos formatos, mesmo com a absurda tentativa europeia de homogeneizar mundos, sendo que nesse processo transitório vários deles se encontraram.

Essas encruzilhadas de saberes e a produção de conhecimentos que daí derivam nos revelam e ensinam os complexos, sofisticados e refinados meios de formulação pelos quais a memória se reinscreve, imanta e repõe valores culturais de variada abrangência, significação e expansão rizomáticas (Martins, 2021, p. 54)

Nesse trânsito de encontros e ressignificações, nas Américas, o corpo adquire lugar central. O corpo é a ponta de lança nesse processo, pois, como assevera Rufino (2022) ele é o que primeiro sofre o ataque do racismo/colonialismo, porém é esse mesmo corpo que revela outras possibilidades de resiliência e transgressão contra as violências operadas pela colonialidade. Em vertente semelhante, Cristian Sales advoga:

Nas tradições culturais em África, os corpos têm conotações próprias, ultrapassando as visões negativas e limitadoras, os significados biológicos e mesmos os simbólicos da cultura ocidental. Para os povos africanos, o corpo é importante fonte do saber ancestral: é o lugar de transmissão de conhecimentos, de registro de experiências humanas individuais e coletivas (Sales, 2012, p. 93).

A corporeidade negra, perpassada pela memória é um produtor de epistemes, Martins (2021) acredita que a linguagem, nesse movimento, é concebida pelo corpo em performance, pelo corpo vivo, que estabelece e apresenta uma noção cósmica, ontológica, teórica da apreensão e compreensão temporais.

Nesse sentido, o tempo foge daquilo que aprendemos nos bancos escolares desde pequenos, esse tempo ocidental, linear, atrelado a calendários que ritma e projeta nossas vidas. Nas filosofias africanas, esse tempo “[...] é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos timbres da vocalidade [...]” (Martins, 2021, p. 22). Temos, então, que a escrita não é a única via de acesso ao conhecimento, pois os africanos que para cá vieram, trouxeram seus saberes dos mais concretos aos mais abstratos via inscrição oral e corporal, como diria a sábia Leda Maria Martins “O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme” (Martins, 2021, p. 23).

Assim, corpo, tempo e memória são elementos constituintes das ancestralidades negras, sendo a ancestralidade o conceito fundador e basilar que exprime a apreensão do sujeito e do cosmos em todas as suas práticas sociais. Em *Maréia*, de Miriam Alves, é possível perceber as categorias corpo, tempo e memória funcionando. Na narrativa, tem-se o encontro de dois mundos distintos, de um lado, a tradicional e entristecida família dos Menezes de Albuquerque, de outro, a resistente e feliz família Santos. Ambos os destinos se cruzam, mesmo com todas as diferenças e as marcas da brutal experiência colonial, nas quais as cicatrizes provocadas pela violência permanecem. Cada uma das famílias guarda e mantém suas próprias tradições provenientes dos antepassados.

A obra é construída por diversas paisagens e temporalidades, demonstrando a força da ancestralidade de um grupo de afrodescendentes que foi compartilhada para não ser esquecida. Vemos isso nas cenas em que as lembranças do avô Marcílio veem à tona para demonstrar que muito do que seus ancestrais viveram, não constavam nos livros e nem no imaginário social das pessoas. “Minha gente! Nem tudo é como contam e como vocês leem nos livros. Todos querem um lugar de herói, mas nem todos são heróis e nem bandidos. Tem um pouco de tudo e de tudo um pouco em cada um. Dependendo de quem conta...” (Alves, 2019, p. 50). Marcílio era um marinheiro, mas antes de tudo era um sábio, na narrativa, reaparece nas lembranças da família como um *griot*, ou seja, aquele que conta histórias, que repassa conhecimentos, uma presença que demarca a força da oralidade na cultura negra. É a partir do que Marcílio conta, que temos acesso à vivência do seu povo

Lá, naqueles tempos, vocês sabem quais, existiam as quituteiras, que faziam comidas e vendiam nos mercados e nas feiras. No final do dia ou da semana, tinham que dar um tanto do arrecadado aos seus patrões, chamados e tratados de senhores, donos dos outros. Bom, com astúcia, guardavam um pouco, com essas economias compravam casas nos arredores, estabeleciam um ponto fixo de vendas, chamados de Casas dos Zungus (Alves, 2019, p. 50).

As cenas narradas pelo avô de Maréia nos aproximam da experiência de vida dessa comunidade que estava, naquela época, em pleno desenvolvimento, como notamos no trecho: “Naquele tempo, dentro da capital do Império, formou-se verdadeira cidade negra, com regras próprias de convivência, cumplicidade e afetividade, onde era possível cultuar os deuses sagrados” (Alves, 2019, p. 51). Na percepção da pesquisadora Cristian de Souza Sales (2012) Miriam Alves delineia imagens de um corpo negro que se reveste de outros significados e sentidos positivos, um corpo com suas marcas identitárias, práticas religiosas e culturais afrorreferenciadas. Diferentemente do pensamento ocidental racional, no qual “[...] a escrita,

como lugar de memória é um dos instrumentos de expressão mais enaltecidos” (Martins, 2021, p. 29), no romance de Alves as corporeidades negras transcendem e contestam a colonialidade, na medida em que coloca a memória e o tempo como imagens que se refletem.

Na obra de Miriam Alves, a expressividade do corpo negro é evidenciada, o corpo é signo que performa o visível e o não visível, ligação entre o humano e o divino. Nessa conjuntura, somos reportados à figura de Vó Déia, avó de Maréia; personagem de uma densidade e presença muito fortes. Ela é a figura da mais velha, a anciã, considerada o esteio da família depois que os homens partiram para o mar e não mais voltaram. A sua expressividade na narrativa toma uma parte significativa, pois há mais de um capítulo destinado à sua aparição enquanto personagem que compõe o corpo de mulheres da família Nunes Santos. Falamos aqui em presença não apenas física, mas uma presença que transcende os espaços-tempos do romance, conforme fica evidenciado no trecho:

Na varanda, sentada em sua cadeira preferida, Dorotéia, meditativa, apurava os sentidos, atenta aos sussurros dos que nunca morrem, vozes emergidas do fundo do oceano. Ao lado de Marcílio, antes da sua partida definitiva para o infinito do mar, ficavam abraçados, aguardavam, em especial, uma onda surgida além da linha do horizonte, onde o infinito se faz presente, o céu se mistura com o azul das águas, num contínuo eterno-começo-fim-recomeço (Alves, 2019, p. 92).

O excerto em questão nos dá conta da ligação de Vó Déia com o universo espiritual, na sua pessoa figura o canal de comunicação entre as divindades, os vivos, os mortos e a natureza cósmica. Nela também há o encontro do tempo vivido e o tempo dos antepassados, pois ela “[...] é a materialidade do que prevalece na temporalidade agora, habitada de passado, de presente e de um provável futuro, um em ser e um sistema no qual incide a ontologia ancestral” (Martins, 2021, p. 63). Vejamos:

Num certo entardecer, percebeu-se rodeada por um clarão ofuscante; ela transcendeu, sentiu sob os pés descalços a areia fofa e úmida. Avistou ao longe uma montanha, encaminhou-se naquela direção, atraída por um zun- zun- zum. Ao chegar a uma clareira, aproximou-se das falas proferidas em outro idioma. Vestia, como por encanto, um manto prateado confeccionado por mãos diáfanas, que o urdiram entrelaçando os fios de vidas e o destino de seus ancestrais, fios que seguiam várias direções, delineando contornos, que interligados, se estendiam formando outros tantos desenhos, numa trama intrincada, que se emaranhava e desemaranhava. Do ponto onde estava, desdobravam-se várias trilhas. A túnica que lhe recobria faiscava, emitia facho de luz, como um farol. Hesitou. Ver o passado? Ver o futuro? Ponderava sobre a escolha do caminho a percorrer... (Alves, 2019, p. 94)

Nesse trecho fica evidente o momento em que Vó Déia recebe o chamado e transcende, faz a jornada por mundos distantes, mundos invisíveis aos nossos olhos e, que só

podem ser sentidos e percebidos por aqueles que conseguem se entregar. O encantamento se materializa na pessoa de Vó Déia, conforme Oliveira (2012, p. 43): “O encantamento supera a experiência artística do arrebatamento quando pela beleza ou pelo estranhamento, somos arrastados ao mundo das sensações, ainda que abstratas e racionais, sem termos como nos defender, visto que arrebatados estamos”.

Na jornada de Vó Déia pelas fendas do universo do divino, a anciã Noitestrelada a conduz ao caminho da descoberta. Como observamos no trecho:

Em contato com o solo, foi dominada por uma sonolência profunda. Impreciso saber, na atemporalidade do espaço-tempo, o quanto demorou para se levantar, avistou homens, mulheres, crianças de várias idades, trajados com roupas de cores iguais às da floresta, formando uma grande ciranda ao seu redor [...]
[...] Noite-estrelada, telepaticamente comunicou a Dorotéia que ela se religava às suas progênies, assumia seu lugar hereditário, que fatos trágicos interromperam os elos partidos, que eletrificados movimentavam-se em busca de receptores. “as vezes, as rupturas são profundas, não se juntam. As ranhuras impedem. Os detalhes ficam perdidos na encruzilhada da memória do passado-presente-futuro. O Tempo não esquece. O Tempo é Tempo. (Alves, 2019, p. 96)

Nesse excerto, notamos a precisão e o cuidado estético de Miriam Alves quando a anciã Noitestrelada se comunica com Vó Déia. Há, nessa composição, elementos que demonstram a confluência entre tempo e memória, o que pode ser comprovado no modo como são grafadas as palavras “passado-presente-futuro” usando o hífen como marcador; além disso, é notória a utilização da palavra tempo grafada sempre em letra maiúscula, apontando para a importância desse “tempo espiralar”⁶ (Martins, 2021). Constatamos, a partir do que fora exposto que

Na órbita da temporalidade ancestral, a primazia do movimento matiza os eventos, em processo de perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais existenciais. No movimento cíclico há permanência e repetição em diferença. Nesse perpétuo ir e voltar da vida não existe fim, pois a vida é um contínuo por meio de muitos estágios (Martins, 2021, p. 204).

Vó Déia descobrira a sua missão, teve que conhecer a trajetória do seu povo, desde os tempos mais remotos para entender que ela era a responsável por recuperar aquilo que lhes fora roubado, a metáfora simbólica da escultura que pertencia a seus ancestrais. No momento em que seu corpo transcende, Vó Déia se ressignifica, ressignificando também toda a trajetória do povo que ela representa. Ela é o corpo- existência, o gesto de memória tecida no corpo-tempo.

Para um efeito de fecho...

O conceito de colonialidade do poder postulado por Quijano ramifica-se nas mais diversas áreas da vida humana. Na literatura, não é diferente, pois o cânone literário exclui e deslegitima produções de corpos subalternizados. A escrita de autoria negra feminina é um exemplo dessa exclusão, tendo em vista que, até os dias de hoje, muitas escritoras não conseguem divulgar e publicar suas obras. Nesse sentido, é imprescindível que a academia, enquanto produtora e disseminadora de conhecimento, problematize e rompa com esses estigmas que geram injustiça social.

As reflexões aqui desenvolvidas em torno do romance *Maréia*, colocam em evidência a escrita de Miriam Alves, uma escrita que subverte a lógica do pensamento ocidental, eurocentrado e brancocêntrico, que atrela o corpo negro ao assujeitamento e à subalternidade. Além disso, é imprescindível apontar que Alves, em suas construções, estiliza as representações depreciativas, rompe com os estigmas e parte de uma ética e estética que levam em consideração a multiplicidade da subjetividade da personagem negra.

Na obra em questão, percebemos que o corpo que sofre as consequências da dominação colonial é também o responsável por inventar formas de resistência e transgredir os espaços de poder. É nesse sentido que a personagem Vó Déia ganha espaço na obra, pois é ela a responsável por demonstrar que os corpos trasladados pelas vias do Atlântico são produtores de saberes, cosmovisões e identidades outras. A avó de Maréia é a portadora dos segredos, a corporalidade que transcende outras temporalidades e a responsável por carregar a memória ancestral do seu povo. Esse movimento de análise permite-nos inferir que Miriam Alves, por meio de suas personagens, reescreve a história e a trajetória da população afrodiáspórica, provocando, com isso, um deslocamento da História que nos foi contada.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **Maréia**. Rio de Janeiro: Malê, 2019

ALMEIDA, Júlia. Geopolíticas e descolonização do conhecimento. Anais do Seminário Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFES. 2011. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/snpgcs/issue/view/131>. Acesso em 11 de set. de 2023.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século

XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 23 ago. 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, Fernanda. Ao redor de Maréia: algumas notas sobre a ficção de Miriam Alves. In ALVES, Miriam (org.). **Miriam Alves Plural**: teoria, ensaios críticos e depoimentos. São Paulo: Fósforo, 2022.

OLIVEIRA, Eduardo David. FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE COMO FILOSOFIA AFRICANA: EDUCAÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, [S. l.], n. 18, p. 28–47, 2012. DOI: 10.26512/resafe.v0i18.4456. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456>. Acesso em: 24 ago. 2023.

RUFINO, L. Performances Afro-diaspóricas e Descolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 40, 14 abr. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Colección SurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p. 107-130, edição brasileira.

SALES, Cristian Souza. de. (2012). **Pensamentos da Mulher Negra na Diáspora**: Escrita do Corpo, Poesia e História. *Sankofa (São Paulo)*, 5(9), 91-110. <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2012.88889>. Acesso em: 14/06/2023

SANTOS, Miriam Cristina dos. **Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.